

MARTE VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 99 — Preço 5\$00 — 8/6/78

CÍLIA à transparência

— Vives da música?
— Sobrevivo da música.
— Qual o alcance da música nos domínios da acção sócio-cultural?

— O seu aproveitamento poderá ser diferente, conforme a situação. Dependerá também de quem a utiliza. Durante o fascismo, a canção teve uma função sensibilizadora dentro de determinado contexto, mas também serviu para o obscurecimento da consciência de todo um povo na sua expressão «nacional-cançonetista».

— Dadas as características deste recital, como achas que reagiu o público?

— Há um determinado tipo de canção panfletária que se preocupa com a adesão imediata do público mas que, a longo prazo, acaba por ter efeitos contrários aos pretendidos. O aplauso final dá a entender que as pessoas estão ansiosas por outro tipo de espectáculos.

— O que tem de novo o teu recital?

— O recital é apenas novo em Portugal. Até ao momento

não existem estruturas que permitam assegurar a sobrevivência deste tipo de espectáculos, onde a poesia e a música são completadas por uma encenação que deve muito à luz e às sombras, aos sons e aos silêncios.

— Valerá a pena sessões descentralizadas como a que acabas de fazer?

— A minha vontade era ir ao maior número possível de lugares, tanto mais que sou contra a macrocefalia da capital. O problema é por exemplo o preço da gasolina, os gastos nas deslocações, a ausência de subsídios, o grande risco que se corre com material tão sofisticado. Apesar disso, vale a pena.

— Há quem critique a circunstância de actuares isoladamente de outros autores. Queres referir-te a esta questão?

— Em geral, não se consegue ver o artista como entidade em si mesmo. Em Portugal, se- rel dos poucos cantores profissionais, tendo que assumir um procedimento diferente daqueles cantores, que respeito muito, que o são mais como passa-

continua na página 8

ESPINHO NA COVILHÃ

CANTAR A AMIZADE E A ESPERANÇA

500 quilómetros de alegria e boa disposição em 40 horas de trabalho, camaradagem e euforia como poucas vezes terá acontecido — este o balanço resumido (se acaso é possível resumir nas breves e passageiras palavras de um artigo de jornal os momentos únicos que se viveram), da ida, no passado fim-de-semana, do Coro Popular de Espinho e do Teatro Popular de Espinho à Covilhã, a convite do Coro Misto do Núcleo Cultural da Covilhã.

Isto porque de outra coisa não se tratou senão de viver colectivamente, e com que entusiasmo, uma experiência de prática cultural cada vez intensa. E que soube levar até ao largo número de pessoas que nos espectáculos e noutros momentos contactaram com os activistas de Espinho e da Covilhã a qualidade de uma acção na divulgação da cultura que, por si própria, seria já digna de realce, mas que se viu ainda mais engrandecida por todo o ambiente em que decorreu a iniciativa.

E como não é todos os dias que cerca de meia centena de jovens de Espinho se deslocam tão longe da sua cidade, com uma missão bem concreta e definida, é evidente que isso não poderia passar despercebido, como não passou. Daí que a caravana espinhense tivesse o prazer de ver a sua presença reconhecida não apenas pelos seus anfitriões mais directos mas também por entidades oficiais como a Comissão Regional de Turismo e a Câmara Municipal do Fundão, onde também houve espectáculo, num sinal evidente da importância que, mesmo do ponto de vista de propaganda da nossa cidade, se revestiu esta deslocação à Covilhã e ao Fundão.

REPORTAGEM NAS CENTRAIS

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

O Dia Mundial da Criança foi assinalado em Anta com um espectáculo no dia 1 às 15,30 horas organizado pelas professoras da Escola Primária local. Cerca de 200 crianças participaram na sessão que a Nascente levou até ao salão Paroquial e que consistiu em: Passagens de filmes de animação e canções infantis pelo Fernando Marques.

Em Espinho o Dia Mundial da Criança passou quase despercebido, se não fossem alguns grupos de crianças acompanhadas dos respectivos professores que encheram o parque João de Deus com as suas brincadeiras

e alegrias.

Mas no dia 2 foi ainda a Nascente quem se encarregou de desenvolver uma iniciativa que enquadrou nas comemorações da data. Foi o caso de um colóquio com Ilse Losa, autora de livros para crianças, que conversou sobre assuntos ligados com a criança e o desenvolvimento da sua personalidade, salientando a falta de unidades de apoio social, que teriam um importante contributo a dar na formação humana e social dos mais novos. Lamenta-se o reduzido número de pessoas presentes,

continua na página 8

TAMBÉM EM NOGUEIRA

É a segunda vez consecutiva que o Dia Mundial da Criança é comemorado em Nogueira da Regedoura por iniciativa dum grupo de pais e de professores, com apoio da Comissão de Pais.

«O apoio da Comissão é muito restrito, poucos pais se vêm hoje aqui. Alguns até impediram os filhos de virem cá, tentando boicotar esta iniciativa, ao contrário das professoras que aderiram sem reservas. Teve-se ainda o apoio do pároco da freguesia e da Comissão de Festas da S.ª da Hora».

O grande móbil da festa, não obstante tais tentativas de boicote, foi a presença, a alegria de muitas crianças, indiferentes a medos e intrigas que pretendiam ensombrar a sua data. Estas crianças, através da escola primária, participaram num concurso de redacção e de desenho, cujo interesse, para além da classificação, foi a sua participação, a transmissão dos seus sentimentos. Em tábuas, que improvisavam expositores, lá esta-

vam as cores, as ideias, o movimento, o traço de muitas crianças.

«Vamos continuar para o ano! Apesar de tudo, não desistimos. O que nos aflige mais é a falta de dinheiro, são as dificuldades económicas que nos impõem

O IMPOSSÍVEL ACONTECE

Durante meses foram as obras de construção e a esperança a crescer em quem pensou que poderia ter acesso a uma casa. Sabia-se que seria um edifício para funcionários públicos, construído com dinheiro do Estado, onde poderiam acolher-se algumas famílias entre as muitas que continuam mal alojadas.

Mas vieram os meses em que nada aconteceu. Entretanto a construção estava pronta, mas na casa não havia sinais de vida. Ouvia-se apenas dizer vagamente que estava em estudo o processo burocrático para atribuição das habitações, coisa pendente de Lisboa, como convém, e demoradamente complicada como, pelos vistos, é sina nossa.

Um dia destes as persianas até aqui hermeticamente fechadas (não fosse alguém em desespero de causa abrir uma frincha por onde fizesse entrar o seu direito de habitar) apareceram meio levantadas. O espanto foi naturalmente grande mas as opiniões dividem-se quanto ao significado do insólito acontecimento, querendo os mais optimistas adivinhar uma solução breve da situação, defendendo os outros que se trata apenas de iluminar e talvez arejar um pouco a casa, de forma a que não apodreça antes de alguém nela poder morar.

um programa mais fraco. Mas, vamos ver se conseguimos alguma coisa, através do peditório».

Mas o programa não era assim tão fraco! Antes pelo contrário, era variado, tentando motivar as crianças, objectivo que foi conseguido, ainda que com altos e baixos. Tivemos o canto livre com as já conhecidas Ana Maria, Manuel Dias, Mendes Ferreira e Pinto de Oliveira, depois foi uma pequena experiência teatral por um grupo de jovens do Rancho Folclórico S. Cristovão, que também actuou, encenando a festa. Isto tudo no sábado, dia 3, pois no domingo foi a vez do atletismo, com a participação de jovens até aos 14 anos.

Domingo tenso. 400 contos de material electrónico, algum dele único em Portugal, surripiado por mão ligeira na Escola de Belas-Artes do Porto, na noite anterior substituído por outro, menos sofisticado, mas à altura do papel que lhe foi pedido.

Domingo quente. Um jogo decisivo no Campo da Avenida, com o Espinho a marchar fatalmente para a segunda divisão para bem de uns e mal de outros, acompanhado pelos adeptos que, e estão no seu legítimo direito, não trocam a bola por nada deste mundo.

Domingo denso. A música sai melodiosa das cordas da viola, a conjugar-se com uma voz ora séria, ora acusadora, ora esperançada.



Sobe a maré do povo após cada ressaca e rejeita o seu tempo nos areais perdidos quem virou trinta e três vezes de casaca e fingiu recuar em trinta e três sentidos.

Na próxima maré já não haverá cravos, nem tanta admiração, nem tanta ingenuidade. Porque as flores com que se enfeitam os escravos murcharam a seu tempo nas cordas da vontade. Na próxima maré talvez não haja flores.



XI Festival Mundial da Juventude

Comité local de apoio já a trabalhar

Como o «Maré Viva» noticiou oportunamente, a juventude do distrito de Aveiro, a exemplo do que se está a passar em todo o País, também se organizou para divulgar e apoiar o XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, que vai realizar-se em Cuba, de 28 de Julho a 5 de Agosto próximo, sob o lema «Pela solidariedade anti-imperialista, a paz e a amizade».

Formado o Comité Distrital de Apoio, coube à Nascente, como única organização do concelho de Espinho que integra aquele Comité e a respectiva Comissão Executiva, dinamizar a formação do Comité de Apoio do concelho de Espinho.

Das mais de trinta organizações convidadas (todas as que eram conhecidas) apenas sete compararam à reunião para o efeito realizada em 6 de Maio, tendo o Comité Local ficado formado pela Nascente, o Clube Recreativo e Cultural de Paramos, a União da Juventude Comunista, a União dos Estudantes Comunistas, a Associação de Trabalhadores-Estudantes da Escola Secundária de Espinho e o Grupo Cultural de Apoio ao XI Festival, da mesma Escola (alunos diurnos).

O Comité Local já está a trabalhar e algumas realizações de divulgação e apoio ao Festival, de carácter desportivo e cultural estão já planeadas. Assim, está prevista a realização de um espectáculo na Lota, no dia 16 de Junho, à noite, com a participação, entre outros, do Coro e do Teatro da Cooperativa Nascente. Dois dias depois, a 18, terá lugar em Paramos uma prova de corta-mato, podendo os interessados (individuais ou equipas) efectuar a respectiva inscrição no Clube de Paramos das 21 às 23 horas, ou pelo telefone 922084, até 16 deste mês. Está ainda prevista a realização de um torneio de futebol

de salão, também em Paramos, em data ainda não fixada, e outras iniciativas estão a ser planeadas.

Uma vez que todas estas realizações têm por finalidade divulgar o espírito que anima a organização do XI Festival Mundial da Juventude, é de esperar a participação em massa de todos os jovens do concelho que anseiam pela concretização dos seus ideais expressos no lema: **Pela solidariedade anti-imperialista, a Paz e a Amizade.**

FARMÁCIAS

Sexta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Sábado — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Domingo — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Segunda — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Terça — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Quarta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Quinta — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352

VOUGA: QUE SERVIÇO ?

Inaugurada há quase 70 anos, a linha de caminho de ferro do Vale do Vouga não tem encontrado ultimamente a melhor forma de servir o público utente, degradando até o seu serviço aquando da introdução do transporte rodoviário complementar.

Fundado pelo último monarca português, Manuel II, em 13 de Dezembro de 1908, o «Vouguinha» viria a contribuir bastante para o progresso económico da região, pois veio permitir um melhor escoamento dos produtos do interior beirão. Como alguém aludiu a propósito, *todo o seu passado esteve ao serviço das pessoas e região do Vouga.*

Anos atrás, o «Bota-fogo», como era conhecido por ser o pretensão causador de incêndios nas imediações da linha, deixou de circular parcialmente e, não fora a acção das populações servidas pela ferrovia, hoje não passaria duma esquecida página da história da região. Daí que o comboio voltasse, mas as velhas e cansadas máquinas a vapor ficaram para trás.

Criou-se um serviço misto, surgindo assim as «diesel» e o serviço rodoviário «complementar», porque as composições a gásóleo eram poucas (!). A verdade porém é que isto não passava duma manobra de gabinete para suprimir alguns apeadeiros e estações e, mais tarde, a própria ferrovia, pelo que as populações, conscientes do facto, se apressaram a boicotar tão sinistra decisão, fazendo exposições ao Governo Civil e à Administração da C. P., retendo mesmo as composições nas suas localidades. Face à exigência das populações, as automotoras voltaram a parar em todas as estações e apeadeiros, mas o mau serviço continuou não só devido ao mau estado do material circulante mas também, e principalmente, pela supressão de alguns comboios e autocarros o que, como o «MV» denunciou semanas atrás, veio prejudicar enormemente o grosso das populações a sul de Espinho e particularmente os estudantes dos cursos nocturnos.

LIMPAR A PRAIA... E DEPOIS ?

Preparando o início da época balnear, a Comissão Municipal de Turismo, com a colaboração do concessionário da praia Costa Verde, está a proceder à limpeza das praias junto ao Rio Largo. A tarefa é, sem dúvida importante, até porque se trata do único local em que ainda existe areia em abundância. De esperar, também, o bom senso da população da zona, que deverá evitar despejar lixo para a praia e o rio, pois de outra forma não haverá limpeza que resista.

Entretanto a Piscina já abriu no dia 1.

continua na página 6

PESADAS PENAS PARA ASSALTANTES DE FARMÁCIA

Em Janeiro de 1976 foi praticado um assalto à mão armada durante a noite ao pessoal da Farmácia Paiva, então de serviço, e que motivou que a partir daí passasse a ser necessária a identificação prévia, ou a presença de um agente policial, para uma pessoa ser atendida dos medicamentos que necessita no período nocturno.

Passados mais de dois anos, foram presentes a julgamento no Tribunal da Comarca de Espinho três dos autores desse assalto, faltando assim um outro elemento do sexo feminino que se presume ter ido para o Brasil.

Ouvidos e julgados os vários casos de que eram acusados, pois todos tinham outros antecedentes criminais, foi lida a sentença pela qual foram condenados: Adde Pierre Raimond, de nacionalidade francesa, em 3 anos de prisão pela sua actualização no assalto à farmácia e em 16 anos de prisão maior como cúmulo jurídico de todos os casos em que esteve envolvido; Manuel Jorge Gomes de Sousa, em 3 anos de prisão (8 anos como cúmulo jurídico) e José Joaquim Ovilheiro, em 2 anos

CINEMA

S. PEDRO

Dia 8, Quinta-feira

A VIRGEM, O TOURO
E O CAPRICÓRNIO

M/ 18 anos

Jogo de signos do zodíaco para mais uma fita com Edwige Fenech, que é no momento sem dúvida a protagonista mais popularizada no género erótico-brejeiro. Por serem aqui constantes as fracas referências a este tipo de fitas, dispensamo-nos de mais comentários.

Dia 9, Sexta-feira

SALÃO ELISABETH

M/ 18 anos

Neste não há meias tintas. É mesmo pornográfico.

Dia 10, Sábado

AMOR E JUSTIÇA

M/ 13 anos

É tão mau ou pior que o anterior. É indiano.

Dia 11, Domingo

O PRINCIPE E O POBRE

M/ 13 anos

Um êxito literário de Mark Twain que após anteriores versões cinematográficas merece ainda uma atenção muito especial dos produtores. Repare-se só no elenco de ouro desta película e daí se poderá concluir do investimento que tal obra representa. É agradável de ver e recomendável para todos os membros da família.

Dia 13, Terça-feira

O OUTRO LADO

DA MEIA NOITE

M/ 18 anos

Tanta «pirosisse», «canastrisse» e pretenciosismo num filme só é demasiado para se poder suportar. Nem sequer caía na tentação de ir espreitar.

Orfeão em formação

Segundo informação que chegou até nós, está em reorganização o Orfeão de Espinho, que pretende continuar o trabalho do orfeão que existiu nesta cidade entre 1911 e 1967. Para tal, foi constituída uma Comissão promotora para angariação dos primeiros elementos directivos e para a oficialização da colectividade. Na sequência, foi já eleito, no passado dia 19, o elenco directivo que estará em funções até ao fim do próximo ano.

Assim, e a juntar à já intensa actividade do Coro Popular de Espinho, a cidade irá passar a dispor de um novo grupo virado para a divulgação da música coral.

Horário do Posto de Turismo

Meses de Janeiro a Maio e Outubro a Dezembro

Abertura às 10 horas e encerramento às 19,30 horas

Intervalo das 12,30 às 15 horas

Todos os dias incluindo domingos.

Meses de Junho a Setembro

Abertura às 10 horas e encerramento às 24 horas

Todos os dias incluindo domingos e feriados

Intervalo nos dias úteis: das 12,30 às 15 horas

Intervalo domingos e feriados: das 13 às 15 e 20 às 21 horas

Este horário entra em vigor no dia 1 de Junho de 1978

NÓS E O LEITOR

De um grupo de pessoas que estiveram presentes na festa de aniversário da Cooperativa Nascente recebemos a carta que transcrevemos:

Cá fora, o vento soprava forte, convidando todos aqueles, que vagueavam pelas ruas a entrar e assistir ao espectáculo. Todos se atiravam, impiedosamente, de encontro à bilheteira. Lá dentro, o ambiente já era festivo.

Todos olhavam, atentamente o écran, reconhecendo e relembrando, o que foi a festa, no ano passado.

Após isto, toda a gente vai atirar a sua amargura, pela janela abaixo...

Eram sacrificios, que se esqueciam, criando um clima, de verdadeira fraternidade, onde todos procuravam a diversão, esquecendo-se das façanhas passadas e das ilusões da sua vida. Uma alegria natural e não for-

çada.

A felicidade, estava bem patente nos rostos, tanto dos mais velhos, como dos mais novos e até aqueles, que não tinham autorização para sair à noite, tinham enfiado um barrete, lá em casa e ali estavam. A pouco e pouco, a festa atingia, o seu apogeu e com toda a força, se entoava e aplaudia. Era um aniversário, que todos queriam, que se repetisse. Oh, diabo, que se passa?

Eram os homens, da cooperativa, que com um assopro, tinham apagado, as enormes velas, pregando um grande susto, ao apresentador, que se mantinha, com o microfone, na mão, receoso por não ser corrido, com tomates podres. Continuava-se pela noite fora, a viver o momento e ninguém desperdiçava um passo de dança.

Por isso, é que eu não me admirava nada, se o Primeiro-Ministro viesse à TV, dizer que se está a gastar muitos pares de soles.

MARÉ VIVA

SEMÁRIO

Propriedade: NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Leira, António Santos, Dário Capela, Eduardo Oliveira, Eugénio Morais, Fernando Valadas, Gabriel Jesus, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Morais Gaio, Moreira da Costa e Victor Sousa.

Colaboração especial:

Carlos Morais.

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director: ANTONIO SANTOS

Redacção: RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

União dos Sindicatos de Aveiro a caminho da reestruturação

Depoimento de Joaquim Almeida, do Secretariado

O próximo dia 17 de Junho será assinalado por um acontecimento de grande alcance para o movimento sindical do distrito de Aveiro e reunirá por certo a atenção da grande maioria dos trabalhadores do distrito. Referimo-nos à conclusão dos trabalhos de reestruturação da União dos Sindicatos de Aveiro e à eleição do seu novo Secretariado. A influência que os novos Estatutos e Programa de Acção da U. S. A. e a constituição do seu Secretariado irá ter na dinamização do movimento sindical da região justifica plenamente a entrevista que hoje apresentamos com um elemento do actual Secretariado da U. S. A. e da Comissão de Reestruturação, Joaquim Almeida, que tem obviamente acompanhado muito de perto todo o processo de discussão e mobilização dos trabalhadores para este assunto, é também elemento da direcção do Sindicato dos Metalúrgicos e a sua experiência sindical confere-lhe uma posição privilegiada para a avaliação do significado desta reestruturação.

Joaquim Almeida começou por justificar o adiamento desta acção para que o Congresso dos Sindicatos de Junho de 1977 já apontava:

«De facto, o Congresso recomendou a reestruturação das Uniões Sindicais Distritais, de acordo com os Estatutos da C. G. T. P. e tendo em conta as condições concretas de cada distrito. As razões desta demora são várias e prendem-se com outras tarefas que se apresentavam como prioritárias: a necessidade de levar à prática outras conclusões do Congresso, a defesa das conquistas dos trabalhadores que são constantemente postas em causa pelo avanço da direita, e a preparação de

acções de massas como o 1.º de Maio e a grande manifestação de Julho em Aveiro.

Mas, fundamentalmente, não havia condições para a necessária mobilização dos trabalhadores em torno da discussão da reestruturação porque alguns sindicatos importantes estavam nas mãos de direcções que, apesar de convidadas várias vezes, se recusaram a participar nos trabalhos. Só agora, e depois das importantes vitórias das listas unitárias em várias eleições foi possível criar as condições de participação que uma discussão destas impõe».

Perguntámos se, apesar de tudo, não teria sido possível proceder à reestruturação da U. S. A. nessa altura:

«Possível, era. Mas seria uma reestruturação feita nas costas

COM OS
TRABALHADORES E NÃO
NAS SUAS COSTAS

da maioria dos trabalhadores e não poderia ter em conta as suas aspirações e as condições concretas que uma reestruturação destas não pode deixar de reflectir. Seria uma reestruturação de fachada e a única maneira de ultrapassar as dificuldades de então seria passar por cima das direcções divisionistas e contactar directamente com os trabalhadores. O prestígio do Secretariado tornava isso possível, mas não nos pareceu que fosse a atitude mais correcta».

Feito este preâmbulo, era altura de se analisar todo o processo que culminará em 17 de Junho.

«Foi em 21 de Janeiro que se decidiu avançar finalmente para a reestruturação, numa reunião para que foram convocados todos os sindicatos sedia-

dos no distrito (filiação ou não na U. S. A.), dos que têm delegações e doutros cujo número de trabalhadores no distrito o justificavam. Nesse encontro, a que não apareceram direcções divisionistas como a dos Escritórios, foi acordado que a reestruturação deveria assentar na

«UM CERTO BOICOTE...»

participação de todas as tendências sindicais representadas no distrito. A própria constituição da Comissão de Reestruturação então aprovada levava isso em conta. Era constituída por re-

continua na página 6

DA CÂMARA MAIS 18 CASAS NA QUINTA CONSTANTE PEREIRA

Mais uma maratona de várias horas dos elementos da Câmara Municipal flutuando entre o rotineiro, o habitual, o burocrático e o interessante, o vivo. Não foi das sessões mais vivas, nem das mais mortas, foi igual a muitas outras. Foram votos de saudação, de pesar, moções, empréstimos, deliberações, tomadas de conhecimento, tudo isto entre cadeiras de alto espaldar, mesa envernizada e alguns bocejos. Foi um dos passos habituais da vida administrativa duma cidade.

AQUISICÃO — Sim, do imóvel do antigo Colégio de S. Luís, por proposta da Assembleia Municipal, e no montante de 2.500 contos!

EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR — A Câmara compromete-se a arranjar instalações para que este ramo de ensino possa funcionar convenientemente.

CASAS — Estas para pessoal da P. S. P., tendo sido o assunto entregue ao Fundo de Fomento de Habitação.

VOTO DE SAUDAÇÃO — Para a equipa júnior feminina de voleibol do Sporting Clube de Espinho, pela conquista brilhante do título de campeã nacional.

MOÇÃO — Enviada ao Secretário de Estado da Saúde, apoiando a criação do Serviço Nacional de Saúde, desejando que este corresponda às necessidades e interesses de todos os Portugueses.

VOTO DE PEZAR — Pelo falecimento de Alberto Brandão Barbosa, grande figura de Espinho e servidor da Municipalidade.

MAIS CASAS — São no número de 18, a construir na quinta do Constante Pereira, tendo a Câmara solicitado para tal efeito, um empréstimo ao Fundo de Fomento da Habitação no montante de 12.805.704\$00. Contudo, o Fundo só empresta 12.130.000\$00 para construção das casas, tendo a Câmara que arranjar o restante para as infraestruturas. Apesar desta dificuldade foi já adjudicada à empresa construtora concorrente.

NASCENTE — Em nome da Câmara, o seu Presidente, que se deslocou à festa de aniversário da «Nascente» congratula-se por dois anos de actividade, prova do papel importante desta cooperativa na vida cultural do concelho.

Professores

Exames sim, exames não

O ministro Cardia, que ainda há dias se sentou como convidado à mesa de um encontro da Juventude Centrista, continua a recusar-se a sentar-se a uma mesa para dialogar com os professores. E do seu gabinete saem leis sobre leis que têm como regra prejudicar os professores e atentar contra a qualidade do ensino. No que diz respeito aos direitos dos professores, a regulamentação das fases, a garantia de emprego e a contagem do tempo de serviço, por exemplo, são pontos reivindicados pelos professores e são objecto de uma legislação que, longe de ir ao encontro das aspirações dos trabalhadores do ensino, tiram-lhe regalias já

adquiridas e fazem prever um ainda maior número de despedimentos para o próximo ano lectivo.

Depois das greves de 2 de Março (na zona da Grande Lisboa) e de 10 de Abril (em todo o País), o MEC ainda não cumpriu as promessas que então fez de apresentar contrapropostas às propostas dos professores, pelo que estes encaram seriamente o endurecimento da sua luta até que tal aconteça.

Aqui na zona Norte, a Direcção do Sindicato recorreu mais uma vez a um referendo, com vista a obter o aval da classe para poder decretar novas formas de luta. Com menos par-

continua na página 4

ESTA CIDADE



A cidade não se evapora em contrastes de edifícios, em fábricas, em estabelecimentos comerciais, em escritórios, em repartições, em cafés, em mar agitado, em comboios e autocarros que transportam trabalho para outras paragens e o devolvem amarfanhado ao cair da noite. A cidade é algo mais!

Serão também aqueles barracões de fumo e barulho, ricochete de bolas, ruído metálico, bonecos toscos que giram freneticamente. O ás da manivela continua a ganhar, o azelha deixou a baliza aberta, esta agora é negra, é preciso é quadrar bem. E pronto! Vai-se queimando o tempo, gastando os segundos, enfiando os minutos na ranhura das maquinaetas. É um pretexto, mais um, para alguns momentos de ócio ou para prolongar a preguiça ou para encher o vazio do emprego negado.

Os matraquilhos e as máquinas tilintantes, diversão ou fuga, alternativa para as conversas mornas frente a uma cerveja, para os passeios lentos junto ao mar. Os bonecos rodopiam!...

Esquecem-se as responsabilidades ou as tristezas, descansa-se por momentos ou mastigam-se horas após horas, alheios ao que se passa em redor.

Diversão ou fuga, ali, em qualquer canto, em qualquer barracão semiescuro desta cidade.

NASCENTE - Cineclube

Sexta-feira, 9 — às 22 horas NA SEDE

2 MÉDIAS METRAGENS

— «CHARLOT PATINADOR» (The Rink)

— «JAIME» de António Reis

Sábado, 10 — às 21,30 horas NA PISCINA

PANORAMA DO CINEMA PORTUGUÊS
(Cinema actual)

— «AS RUINAS NO INTERIOR»
de José de Sá Caetano



NOTA — a sessão de sábado começa às 21,30 horas impreterivelmente.

Alberto Brandão Barbosa

A Família agradece, por este único meio, a todas as pessoas que a acompanharam nestes difíceis momentos por que passou.

© CORO E © TEATRO

A PARTIDA

«Eram oito e meia de sábado quando, colocado nas trazeiras da camioneta o pano que identificava de forma visível os ocupantes do veículo, o Coro e o Teatro se puseram a caminho, na sua mais longa deslocação até ao momento, que muito prometia mas que a ninguém dava ainda certezas de como iria decorrer. Para trás ficava o trabalho habitual nestas coisas, com os problemas do costume, as dificuldades em conseguir os 14 contos para pagar o autocarro (a ponto de os próprios elementos terem que vir a contribuir para essa despesa caso o previsto subsídio do FAOJ não se concretize), ficava a Nascente que assim se ia ver divulgada em novas regiões. Para a frente era a dúvida quanto à nossa capacidade em conseguir apro-

veitar da melhor maneira esta oportunidade, embora tivéssemos a grande vantagem de contar com o apoio e a amizade já firme daqueles que nos convidavam:

— *Malta, não se esqueçam de que esta deslocação é importante, por várias razões, e há que garantir que tudo corra bem. Durante a viagem vejam lá se poupam essas gargantas senão...*

Mas quanto a cantar, isso começou ainda antes de se sair dos limites de Espinho e durou todo o caminho para, com grande espanto dos maestros, vir a redundar não na rouquidão generalizada mas num espectáculo de qualidade talvez superior a qualquer outro que o Coro já tenha dado.

PRIMEIRA HISTÓRIA

«*Eu sou industrial aqui na Covilhã e despertei para estas coisas depois do 25 de Abril. Hoje, posso dizer que sou uma pessoa bem diferente, vivo de uma maneira muito sentida todas estas coisas que agora se fazem.*

«*Acho extraordinário o ambiente que aqui se tem respirado e a alegria e comportamento desta gente nova é tão entusiasmante que até eu aos 48 anos me sinto como um jovem de 20.*

«*Admiro muitíssimo a maneira como tantos continuam a interessar-se por fazer isto avançar, quase sempre remando contra a maré e muitas vezes pondo em causa os seus próprios interesses particulares.*

«*Por tudo isso, o meu abraço muito sentido e o desejo de que continuem para a frente.*

O ENCONTRO

Meia hora antes do previsto, o sol quentinho da Covilhã aquecia corpos e espíritos um pouco perturbados pelo cerrado nevoeiro da serra. E às cinco horas era o encontro com os amigos que não víamos desde a sua estadia em Espinho, no ano passado:

— *Parece que há por aqui muitas caras novas, de gente que ainda não fazia parte quando lá fomos, mas o importante é que tenho a certeza de que o espírito é o mesmo. Sejam então todos bem-vindos e vamos até ao Cine-Teatro fazer o ensaio prévio.*

Montar o estrado para o Coro e as luzes para o Teatro foi coisa que a experiência e a aplicação não deixaram demorar muito e pouco depois já se ouviam os primeiros sinais de que alguma coisa iria suceder naquela sala de espectáculo, daí a escassas três horas.

O ESPECTÁCULO

peditivo que não se vê ainda como ultrapassar.

Rapidamente se montou no «hall» da entrada a banca com material de divulgação da Nascente, incluindo uma pequena exposição fotográfica sobre a sua variada actividade, que foi muito frequentada e permitiu o contacto e troca de impressões com as pessoas presentes.

— *Atenção: primeiro é o Coro da Covilhã, depois entramos nós e quando acabarmos eles juntam-se connosco para cantarmos aquelas quatro em conjunto. Depois é o intervalo e então será a vez do Teatro. Entendido?*

E as primeiras notas fizeram-se ouvir, nas vozes jovens, muito jovens, dos componentes do Coro Misto, que viram a sua significativa actuação justamente premiada nos merecidos aplausos que se ouviram.

Quando ao Coro de Espinho, os vários números que interpretou parece terem sido do inteiro agrado da assistência, que por duas ou três vezes solicitou o Coro para bisar. Efectivamente, como diria no final um dos maestros, «*é difícil compreender como é que saiu tão bem depois daquela viagem tão cansativa e com todo o caminho a cantar... mas não vale a pena querer saber como foi, o importante é que foi bom.*»

Provavelmente, isso teve muito a ver com todo o ambiente que rodeou a presença dos espinhenses na Covilhã e que lhes deu em justa medida a noção de que teriam que retribuir como fosse possível, a começar logicamente por uma boa actuação.

— *É com grato prazer que recebemos entre nós estes jovens de Espinho, tal como nós interessados na divulgação da cultura, e na multiplicação da amizade. A mensagem de fraternidade e alegria*

que nos vêm trazer é para nós a certeza de que a luta comum em prol da cultura não parará de crescer.

Estas palavras de um dos dirigentes do Núcleo Cultural foram devidamente apoiadas pelo público presente e justificaram também a afirmação, por parte de um director da Nascente, da disposição da Cooperativa em geral e do Coro e Teatro em especial, para a continuação da sua actividade e o intercâmbio e o aprofundamento da amizade com os companheiros da Covilhã.

E a chave de ouro do espectáculo veio, naturalmente, na participação do Teatro, a ultrapassar as limitações que ainda tem e a fazer um esforço notável para acertar. A princípio um pouco fora da peça, o público entrou gradualmente nela, divertindo-se com um enredo em que muitos terão, por certo, notado um significado mais fundo do que aquele que à primeira vista se pode tirar de uma história aparentemente tão simples.

No final, os parabéns mútuos, a troca de impressões com pessoas que tinham assistido, a confirmação de que tudo corria muito bem.

O PROGRAMA

CORO MISTO DO NÚCLEO CULTURAL DA COVILHÃ

L'innamorato (Gastoldi), Quierese Morir Anton (anónimo), A Tilia (Schubert), Fado (Ruy Coelho).

CORO POPULAR DE ESPINHO

Vilencico (Juan Del Encina), O ladrão do negro melro (Lopes Graça), Digo-dai (Joel Canhão), A Senhora D'Aires (Lopes Graça), Trai-Trai (Manuel Faria), Canta Camarada (Lopes Graça) e cinco canções heróicas de Lopes Graça — Rondã, Mãe pobre, Jornada, Cantemos o Novo Dia, Combate.

ACTUAÇÃO CONJUNTA DOS DOIS COROS

O anel que tu me deste (Virgílio Pereira), Brincas tu (Virgílio Pereira), Acordai (Lopes Graça), Va Pensiero (Verdi) — com direcção alternada dos três maestros: Campos Costa, da Covilhã, e Fausto Neves e Joaquim Fidalgo, de Espinho.

TEATRO POPULAR DE ESPINHO

(e participação do Coro)

«*O Retábulo das Maravilhas*, de Cervantes.

NO PELOURINHO



NA PRAÇA PÚBLICA, OS DOIS COROS CANTARAM PARA MUITA GENTE

Não constava do programa inicialmente previsto, mas acabou por ser um dos momentos mais significativos:

— *Na minha opinião, o espectáculo que os dois Coros deram na praça da Câmara foi a coisa mais importante disto tudo, porque os outros dois foram para pessoas que já estavam mais ou menos motivadas para assistir. Lá, no pelourinho, é que nós conseguimos apanhar as pessoas desprevenidas e cantar para quem nunca pensou ouvir-nos, para quem estava no café*

ou ia a passar distraída.

E foi assim mesmo. Não se sabe bem donde, surgiu a ideia, e às 3 da tarde de domingo, em pleno Centro da cidade, o espanto marcou a tarde vazia quando de repente dezenas de vozes irromperam a cantar. Foi uma coisa de curta duração, mas o suficiente para deixar uma marca especial num dia inesquecível. Até o sinaleiro de serviço dividia a atenção entre o trânsito que continuava e a malta que cantava.

... E O CONVÍVIO NO NÚCLEO E NA FAMÍLIA

E o prémio merecido: o convívio franco e eufórico nas instalações do Núcleo, uma ampla casa com um maravilhoso jardim, onde até às quatro da manhã se cantou e dançou, depois de uma ceia bem merecida. Foi ocasião para se aprofundarem contactos pessoais, se estabelecerem amizades e se reforçarem os laços que ligam os dois grupos. Cantar a «Grândola» a muitas dezenas de vozes foi, por certo, um momento que não será fácil esquecer e que deu o tom necessário de que esta acção que cá e lá se desenvolve é uma coisa demasiado forte para que alguém a possa dificultar impunemente.

A pouco e pouco, o cansaço e a lembrança do espectáculo no dia seguinte no Fundão iam sendo mais fortes e era a saída para as casas das diversas famílias que receberam a gente de Espinho. No dia seguinte só se ouvia referir com admiração, a atenção do tratamento que a todos foi dispensado:

— *Na casa onde nós fomos, foram maravilhosos connosco. Eles não sabiam que mais haviam de nos fazer. Eu até estava envergonhada com tantos cuidados...*

E isto que se dizia de uma casa, dizia-se de todas. Mas não apenas o tratamento

amistoso, também o contacto mais pessoal e profundo que a estadia em casa de uma família sempre permite. A conversa sobre a actividade da Nascente, sobre as dificuldades de um trabalho cultural muitas vezes desapoiado e até mal interpretado, e também, os pedidos de informações sobre Espinho, as possibilidades turísticas da região, o problema da praia, o confronto da experiência turística da serra com o turismo da beira-mar, numa palavra, a divulgação de uma cidade que para muitos ficou a ser agora um pouco mais conhecida e, talvez, até mais desejada como local para férias.

A MODELAR

ÓPTICA — RELOJOARIA
OURIVESARIA — OFICINAS
Rua 16 — Merc. Municipal
ESPINHO

RODRIAUTO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Lavagens, parafinações, mudanças de óleo e lubrificações
Oficinas de mecânica geral, chapeiro, pintura, etc.
Reparação e afinação de Tractores Agrícolas
ESTOFADOR

RODRIGUES, GOIS & C., Lda.
Rua 31 n.º 914 Telef. 923006
ESPINHO

NA COVILHÃ E NO FUNDÃO

SEGUNDA

HISTÓRIA

Após a festa, já a altas horas da noite, lá foi a gente dormir. Seguimos uma amiga do Coro da Covilhã que nos levou a sua casa, onde tinham indicado que nos deveríamos alojar.

Os primeiros contactos com aquela família foram, da nossa parte, cerimoniosos e frios, coisa aliás normal entre pessoas que não se conheciam bem. A malta atrapalhava-se amiúde, ficava cada um à espera que o vizinho desse o primeiro passo em tudo.

Mas ao almoço as coisas mudaram completamente, fazendo-nos viver um dos momentos mais belos da nossa vida, que, certeza não esqueceremos. A conversa perdeu os formalismos e no meio de muita alegria e, verdade se diga, alguns copitos, abrimo-nos uns aos outros e construímos a amizade:

«A minha vida tem sido sempre a mesma coisa: do escritório para casa, de casa para o escritório... Mas agora aqui sinto-me com vinte anos e com uma grande vontade de voltar a fazer alguma coisa como quando era novo. Gostava muito de trabalhar num grupo de poesia... e é isso que vou fazer». Foi mais ou menos assim que o senhor que nos hospedou nos falou do seu estado de espírito e do que tudo aquilo representou para ele.

Não foi sem muito pesar que nos despedimos daquela família. Para já, a promessa de irmos escrevendo e de um dia, que não virá muito longe, nos reunirmos outra vez.

O NÚCLEO DA COVILHÃ

O Núcleo Cultural da Covilhã foi criado em 1975, de acordo com determinadas perspectivas que se estabeleceram para a descentralização de actividades culturais pelo país. De então para cá não tem parado de reforçar a sua actividade, sempre apoiado na Secretaria de Estado da Cultura e também na Juventude Musical Portuguesa.

Neste momento dispõe de várias actividades em funcionamento, nomeadamente o Coro, uma secção de Coreografia, que movimenta algumas dezenas de jovens, sobretudo crianças, e actividades de artes plásticas. Estão ainda a fazer-se esforços para animar uma secção de teatro.

Mas além disto, o Núcleo organiza com grande regularidade espectáculos musicais e teatrais na Covilhã e região, desenvolvendo paralelamente um trabalho de animação cultural junto de localidades da área que é digno de realce.

NO FUNDÃO, COM AS CRIANÇAS

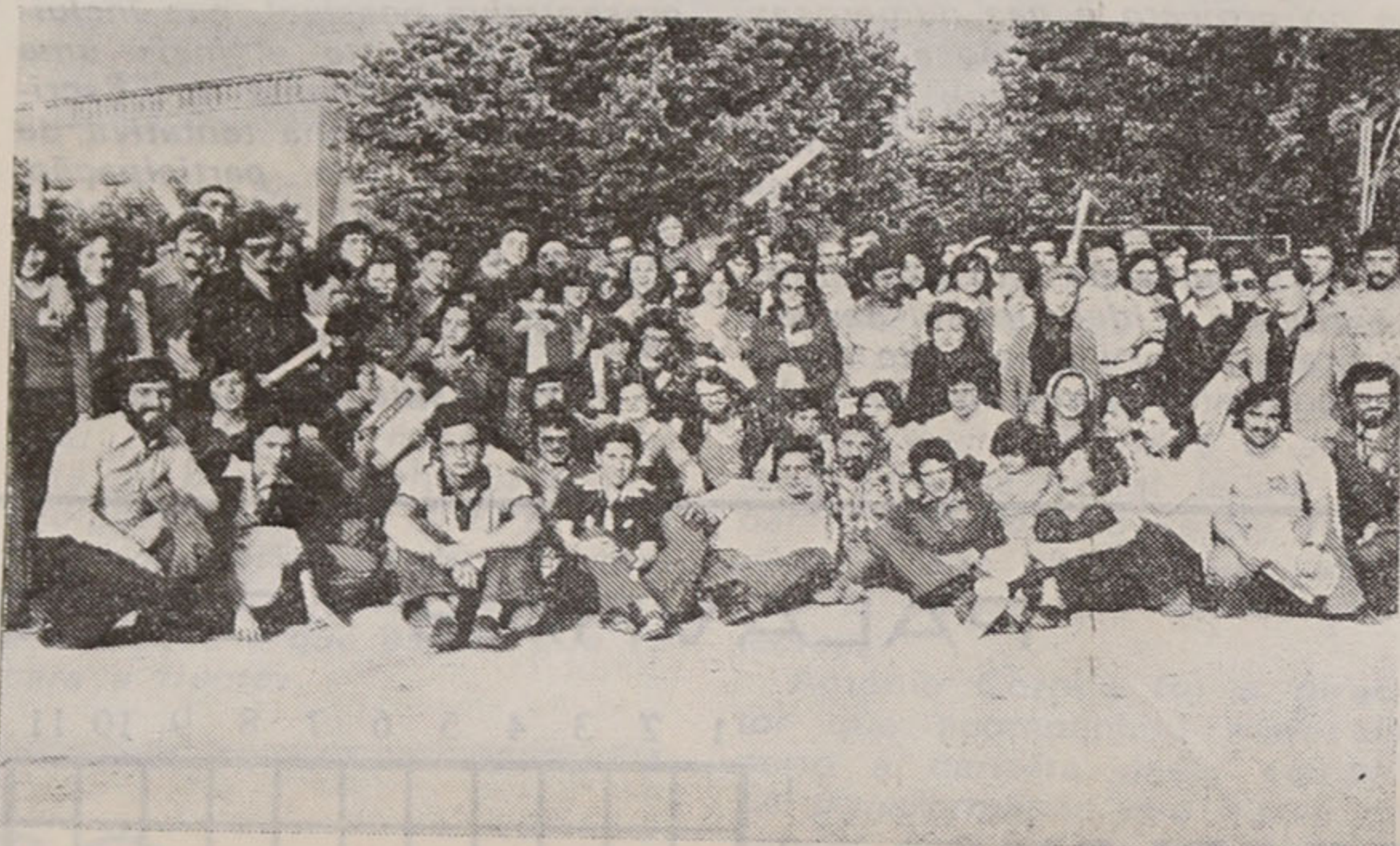
Depois foi a ida colectiva para o Fundão. Ali, em domingo de sol, um espectáculo abreviado, que a hora do regresso estava próxima. Para as muitas crianças presentes foi a frustração de não verem o Teatro actuar porque as horas não o permitiram.

Mas logo após cantada a última canção pelos dois coros, que também lá actuaram em conjunto, imediatamente rompeu a «Joana Come a Papa», numa desculpa envergonhada por não se ter dado uma alegria maior à miudagem.

E outro convívio, com tempo

para conversas bem significativas a dois e três, que serviram para cimentar novas possibilidades de intercâmbio e contactos futuros. De registar, uma significativa troca de impressões, que noutro local desenvolvemos, com um elemento do Executivo da Câmara Local. Aliás, o espectáculo no Fundão foi uma organização conjunta da Câmara e do Núcleo Cultural da Covilhã, contando ainda com o apoio da Secção Cultural da Associação Desportiva do Fundão, três vontades unidas para um objectivo que foi atingido.

DESPEDIDA... ATÉ BREVE



NA DESPEDIDA, A FOTOGRAFIA PARA ILUSTRAR O ALBUM DA AMIZADE

Bem, e foi a despedida. As fotos, as direcções, as datas para novos encontros. E, num último sinal de carinho dispensado à gente de Espinho, os amigos da Covilhã acompanharam ainda durante algum tempo o autocarro espinhense, tendo-se a separação dado, como convinha, ao som de uma canção.

— Então, não se esqueçam de que, se tudo correr bem, em breve vocês cá virão novamente.

— Ótimo, mas agora será a nossa vez de retribuir recebendo-vos em Espinho. E com tantas atenções que nos dispensaram estamos francamente preocupados com a maneira como seremos capazes de vos receber entre nós.

TERCEIRA HISTÓRIA

«Só posso dizer que me sinto muito feliz por ter vindo com o grupo e que lamento não ter sido possível que outras mães viessem também. É que aquilo que aconteceu foi tão extraordinário, a alegria e a camaradagem entre todos foram tão grandes, que me sinto muito satisfeita por verificar mais uma vez que em Espinho há

Mais dois abraços, uma, muitas mãos a acenar, uma frase de canção e a curva de estrada desfez o encanto...

A «ESQUERDA ALEGRE» VENCERÁ

...que não terminou totalmente, longe disso. Se alguém pensava que agora era aproveitar o autocarro para descansar (e basta dizer que no sábado por exemplo se trabalhou das 5 da tarde até à meia-noite, apenas com escassa meia hora para petiscar qualquer coisa), enganou-se redondamente. As canções engtavam umas atrás das outras e outras formas de passar o longo tempo da viagem foram

experimentadas e com grande êxito:

— Em frente pelo riso!
— Defesa intransigente da nacionalização da dentadura!

— Há que defender as amplas gargalhadas conquistadas após a longa noite sisuda de 48 anos de esgares de tristezas!

Assim terminava o manifesto do «Movimento de Esquerda Alegre», «Partido» largamente maioritário no autocarro, mas cujo despique de comunicados e contra-comunicados, declarações e protestos, com outros «Partidos» ali formados durante mais de duas horas animou as hostes e demonstrou bem que o grupo, mesmo depois de tanto trabalhar no fim-de-semana ainda tinha imaginação para dar e vender.

E antes de chegar a Espinho, ainda com mais cantigas, o aviso irónico e implacável:

— Atenção gente: como é habitual, na terça-feira recomeçam os ensaios do Coro. Os de Teatro continuam já na segunda. E há espectáculos previstos para os próximos fins de semana.

APOIO OFICIAL

A visita do Coro e do Teatro Popular de Espinho à Covilhã e ao Fundão mereceu, por parte das entidades oficiais uma especial atenção, a provar que a deslocação da Nascente foi devidamente realçada e que, naquela região existe a preocupação de apoiar a actividade cultural.

NA COVILHÃ

O Sr. José Pinto de Sousa, Presidente da Comissão Regional de Turismo que abrange a Covilhã e outros concelhos da zona, falou-nos da importância das iniciativas deste género na divulgação cultural. Colocou-se até a hipótese de incentivar o intercâmbio cultural entre Espinho e Covilhã, nomeadamente com a realização de novas visitas mútuas entre os dois Coros:

«Um pouco surpreendidos mas muito agradados com a visita de tão numerosa caravana de Espinho à nossa cidade, queremos manifestar o prazer que temos com a vossa vinda e afirmar o nosso desejo de que estas iniciativas continuem. E apenas para marcar a vossa estadia, que vos oferecemos estas duas pequenas lembranças, obras de um artista da Covilhã».

Parece-nos importante este facto, que revela a preocupação do Turismo Regional em manter com regularidade actividades culturais e, por outro lado, o bom acolhimento que vem sendo dispensado ao Coro Popular de Espinho de Nascente.

NO FUNDÃO

No decorrer do convívio que se seguiu ao espectáculo que os Coros deram no Fundão, o Dr. Saraiva, vereador da Câmara Municipal daquela vila, onde detem o pelouro da Cultura, afirmou entre outras coisas:

«A realização desta iniciativa tem todo o apoio da Câmara Municipal. Para além do que ela significa como divulgação artística, será certeza um bom incentivo para as pessoas que, aqui no Fundão, estão hoje empenhadas na formação de um novo orfeão».

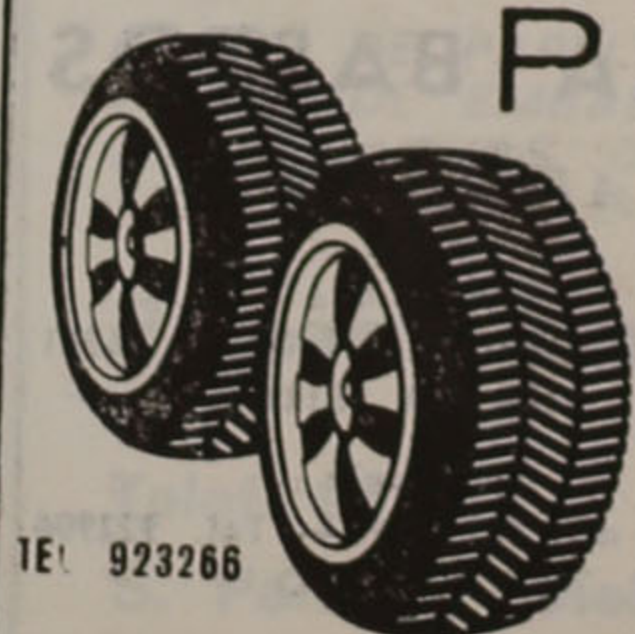
E, mais adiante, em conversa com um elemento do coro de Espinho:

«É Claro que a Câmara tem bastantes dificuldades de ordem económica. Mas apesar disso, penso que temos de gastar dinheiro com as actividades culturais. Com 50 contos não se repara uma estrada, muito longe disso; contudo, no campo cultural, pode-se fazer muita coisa...».

Ena, tanta gente!

Muita gente colaborou para que tudo corresse como se viu. Os esforços dos amigos da Covilhã para bem receberem os companheiros de Espinho foram plenamente conseguidos e a sua simpatia ultrapassou tudo o que seria de esperar. E exemplos poder-se-iam citar muitos, mas a série seria longa. Como grande seria a lista de nomes e pessoas que contribuíram para que tudo resultasse. Na impossibilidade de os referir a todos, aqui ficam alguns, na intenção de neles todos englobar:

Senhor Manuel Campos Costa — Maestro do Coro Misto e membro da Direcção do Núcleo; Eng.º José Taborada, da Direcção do Núcleo; Senhor José Branco Barata, da Direcção do Núcleo; Senhor Manuel Mouro, da Direcção do Núcleo; Senhor José dos Santos Dinis, da Direcção do Núcleo; Senhor Francisco Rato, activista do Núcleo.



PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

- Alinhamento de Direcções
- Vulcanização de Câmaras
- Equilíbrio de Rodas

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

TE: 923266

Electrodomésticos — Rádio e TV — Sonapás
Instalações Eléctricas — Canalizações — Móveis e Decorações
Assistência Técnica em todo o material

TELE-ROCHA

Estabelecimentos: Rua 18 n.º 988 — Rua 31 n.º 469
Oficina: Rua 31 n.º 414 — Armazém: Rua 16 n.º 1005
Telefs. 920977 e 920325 — ESPINHO

DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M.

DOENÇAS DOS OLHOS

ORTÓPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ.

TELEFONE 922470 — ESPINHO

PROFESSORES

continuação da página 3

tipicação do que o referendo que antecedeu a greve de Abril, os professores votantes deram o «sim» em cerca de 60% contra 40% de «não». Caso curioso, em Espinho a votação contrariou a tendência geral (70 «não» e 43 «sim»).

Com esta carta branca, e depois de uma reunião com os executivos do Centro e da Grande Lisboa (a Zona Sul desligou-se do processo) saíram três propostas alternativas para greve à avaliação e aos exames.

Entretanto, e mais uma vez nas costas dos professores, o MEC fez sair um despacho 112/78 em que considera que o serviço de exames é serviço urgente e, como tal, a greve aos exames será considerada ilegal.

Com estes dados, os professores tiveram de se pronunciar sobre as alternativas propostas. Medida que se justifica em relação a Lisboa e Centro, mas que no Norte, depois do referendo, sugere que a Direcção do S.P.Z.N. devolveu a sua responsabilidade aos professores.

E assim que, enquanto em Lisboa e no Centro, as grandes decisões são tomadas em Assembleias Gerais, na Zona Norte a situação é bastante confusa, não se sabendo ainda que posição tomarão os professores nas suas escolas, nem qual será a saída da Direcção depois desta consulta.

Em Espinho, na Escola Se-

cundária Dr. Manuel Laranjeira (ex-Liceu) os professores decidiram reservar a sua posição, enquanto que na Escola Secundária de Espinho (ex-Escola Industrial e Comercial), a decisão foi não apoiar a greve conforme a proposta da Direcção do Sindicato.

MOÇÕES

1) Os professores da Escola Secundária de Espinho, reunidos em 30/5/78, condenam a continuação da acção do MEC na recusa do direito de negociação defendido pelas direcções sindicais e manifestam o mais vivo repúdio pela publicação do despacho 112/78.

2) Os professores da Escola Secundária de Espinho condenam a actuação da Direcção Sindical pela forma como tem conduzido a luta dos professores.

No entanto, quer numa escola quer noutra, os professores mostraram-se preocupados com a situação que o MEC lhes está a criar e não abandonaram de forma alguma a ideia de lutarem pelos seus direitos. Na E. S. E. foram mesmo aprovadas duas moções de repúdio pela actuação do MEC e da Direcção do S.P.Z.N.

Reestruturação da União dos Sindicatos

continuação da página 3

presentantes do Secretariado (2), dos Metalúrgicos (2) e um elemento dos Sapateiros, Corticeiros, Gráficos, Tapeteiros, Rodoviários, Função Pública e Escritórios. Estes três últimos não pertenciam à U. S. A., acabando por ser novamente os Escritórios a não participarem.

Foram elaborados projectos para os Estatutos e Programa de Acção e enviados a todos os sindicatos sem excepção para a sua discussão pelos trabalhadores, o que se veio a fazer pelas mais diversas formas, quer em Assembleias Gerais, em plenários de zona ou de empresa, etc.

Foi assim que no passado dia 1 de Junho, os Estatutos foram aprovados, numa nova reunião de todos os sindicatos, com base no projecto e nas numerosas propostas de alteração e adenda ali presentes.

Interrompemos para sabermos das principais alterações que contemplam os novos Estatutos.

«As inovações nos Estatutos continuam a ideia inicial de permitirem a participação de todas as correntes sindicais. Os sin-

dicatos não filiados passam a poder participar nas decisões de carácter geral, constituiu-se um Conselho Geral que será formado pelas uniões locais de sindicatos (já está constituída a de S. João da Madeira e avança-se para a de Ovar) e a novidade de os sindicatos poderem aderir à União dos Sindicatos de Aveiro sem aderirem à C. G. T. P.».

Esclareceu-nos nesta altura Joaquim Almeida que estão filiados na U. S. A. 13 dos 22 sindicatos do distrito. Sobre o próximo dia 17 adiantou:

«Da parte da tarde, em Aveiro, realizam-se as eleições para o Secretariado, para as quais a Comissão de Reestruturação vai apresentar uma lista o mais representativa possível, que incluirá provavelmente e mais uma vez um representante dos Escritórios, numa última tentativa de conseguir a sua participação. Haverá 11 efectivos e 6 suplentes e os eleitos são-lo-ão nominalmente, como antes e não como representantes do seu sindicato.

O Programa de Acção, que

também está a ser alvo da mesma discussão a nível dos trabalhadores, concluirá a desejada reestruturação. Convém dizer que esta sessão é aberta a todos os trabalhadores e delegados sindicais e que à noite haverá uma festa-convívio que a ocasião bem justifica».

O Programa de Acção traça-rá as linhas da acção sindical para os próximos tempos e sobre esta questão fomos esclarecidos.

«Não lhes posso falar ainda em Programa de Acção, pois ainda não foi aprovado. Do projecto posso entretanto adiantar que aponta naturalmente para a defesa dos interesses dos trabalhadores e das suas conquistas e que dá uma grande importância à tarefa organizativa. Penso que este problema é importante, pois só com a formação de bons quadros sindicais, que ganhem experiência e conhecimentos do que deve ser um dirigente sindical se pode criar uma estrutura sindical forte e eficiente na defesa dos interesses dos trabalhadores».

NÓS E O LEITOR

continuação da página 2

Era inexplicável, toda aquela movimentação.

Uma festa, que não era só da «NASCENTE», mas de todos que queriam que ela continue a viver.

Era uma retribuição para aqueles, que com o suor do seu corpo, conseguiram realizar e erguer bem alto, o nome da Cooperativa Nascente, fazendo-a tornar-se, uma realidade. A cooperativa, é um barco, no meio do Oceano, desancorado há 2 anos, levando a todos os pontos, a sua mensagem de amor e que não depende, apenas do comandante. Ela depende de toda a tripulação; através do seu coro, do teatro, do jornal, os fantoches, um sem número de iniciativas, a «NASCENTE» tem teimado, constantemente, em levar a felicidade e a alegria, a todo o Povo de Espinho e não só. Nós estivemos lá.

Nós reconhecemos, que a Cooperativa «NASCENTE», é um passo dado, na luta pela felicidade. Nós queremos, que a cooperativa viva e que todos se utilizem dela.

Queremos, que a cooperativa

continue a servir, para a aproximação e conciliação das pessoas. Parabéns, a todos aqueles, que vivem os problemas desta e a todos os que têm dado, o seu incondicional apoio. Que esta viva por muitos anos.

Américo Manuel Resende Lima
Mário Jorge Mano de Oliveira
Jorge Manuel de Sousa Pereira
José Manuel Moreira Silva
José Manuel Mota Miguel
Rosa Maria de Jesus Oliveira
Maria do Rosário

NOTA DA REDACÇÃO

E com grande prazer que publicamos esta carta, em que um grupo de pessoas que não estão directamente ligadas à vida da Nascente tomam posição perante a actividade da Cooperativa e a festa em particular. E não dizemos isso por se dar o caso de o fazerem apenas para elogiar — na Nascente também se pratica a autocritica e sabemos reconhecer os erros cometidos na festa — mas sobretudo pela tomada de posição que a carta representa.

EDITAL

ANTÓNIO PAULO DA SILVA, tesoureiro da Fazenda Pública de 2.ª classe, em serviço no concelho de ESPINHO:

Faz saber que no próximo mês de JUNHO se encontra aberto o cofre para pagamento do seguinte imposto:

IMPOSTO DE CAPITAIS
SECÇÃO A — DE 1977

Imposto de Capitais — Secção A
Este imposto deverá ser pago durante o mês de Junho, após o que fica sujeito a juros de mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento do imposto, sem

que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

Para constar, se lavrou o presente e idênticos, que vão ser afixados às portas da Repartição de Finanças e desta Tesouraria e divulgados através da imprensa local.

NOTA — Os pagamentos referidos no presente edital podem ser efectuados em numerário, vales do correio e cheques visados ou não.
Tesouraria da Fazenda Pública do concelho de Espinho, 19 de Maio de 1978.

O Tesoureiro,
António Paulo da Silva

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA

N.º 7

BRANCO SIMÉTRICO

HORIZONTAIS

1 — Este serviço público (comboios ou camionetas) é mais caro, mas não é mais eficiente; 2 — Fazei girar; palerma; 3 — Documento de seguro contra fogo, roubo, etc.; 4 — Chefe grego, lançou as bases da democracia ateniense; marisco, um pouco, maior que o camarão; 5 — Frente que luta pela libertação do Sara Ocidental; 6 — Posições estudadas; forragem para cavalos; 7 — Aspecto; província

| | | | | | | | | | | | |
|----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 1 | | | | | | | | | | | |
| 2 | | | | | | | | | | | |
| 3 | | | | | | | | | | | |
| 4 | | | | | | | | | | | |
| 5 | | | | | | | | | | | |
| 6 | | | | | | | | | | | |
| 7 | | | | | | | | | | | |
| 8 | | | | | | | | | | | |
| 9 | | | | | | | | | | | |
| 10 | | | | | | | | | | | |
| 11 | | | | | | | | | | | |

da Grécia onde está Atenas; alumínio (s. q.); 8 — Corre; lavra; 9 — Magnete; saudáveis; íntimo; 10 — Adicionar; zangar; 11 — O maior dos compositores.

VERTICAIS

1 — A conta que Deus fez; homem desprezado ou excluído da sociedade; 2 — Letra grega; contrariar; oposição no Brasil; 3 — Mudos; pateie; 4 — Dominou quase toda a Europa nos

princípios do séc. XIX; acusada; 5 — São os maiores inimigos do povo palestiano; 6 — Associação Portuguesa de Hipismo (iniciais); 7 — Partidários da oligarquia; 8 — Férias o roque no xadrez; quarto; 9 — Tiritava; serra de Portugal; 10 — Disco mais pequeno que o L. P.; capital da R. F. A.; ilha do Mar do Norte; 11 — Lenda escandinava; foi palco da assinatura do tratado do governo português com o M.P.L.A., UNITA e FNLA.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA 6

HORIZONTAIS

1 — Herculano; 2 — Bari; Tomé; 3 — El; feudo; aí; 4 — Roda; após; 5 — Astaire; 6 — len; ori; non; 7 — Traídas; 8 — Gaza; SALT; 9 — Unida; cárie; 10 — Giraria; 11 — Ró; oásis; Mn.

VERTICAIS

1 — Berlinguer; 2 — Halo; an; 3 — En; Dantzig; 4 — Rifas; rádio; 5 — Toa; ara; 6 — Usuário; ás; 7 — IID; cri; 8 — Atoar; asais; 9 — Nó; pensara; 10 — Ourão; li; 11 — Eisentein.

QUIOSQUE SUBTERRÂNEO

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO

Rua 16 n.º 868

Todo o serviço de enfermagem no Centro e ao domicílio. Aluguer de oxigénio e camas articuladas

Horário: 9 às 12,30 e 14 às 19 h. Domingos e Feriados 10 às 12 h.

Telefones 921587 e 922329



Pá velha

Confeitaria * Charcutaria

Especializada em **caladinhos - raivinhas - fogaças** (fabrico diário)

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

CAFÉ E RESTAURANTE COPELIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista

Especializado em Casamentos e Baptizados Grande Variedade de Petiscos

Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

LIMA BASTOS

ADVOGADO

Escritório...
Largo de Camões — Telefone 96281
VILA DA FEIRA

Residência;
Av. 24 n.º 245-1.º — Tel. 922904
ESPINHO

Voleibol Feminino em análise

— Título de juniores é incentivo

Conforme noticiámos no último número, a equipa júnior feminina do S. C. E. sagrou-se campeã nacional, o que nos levou a trocarmos impressões com atletas, treinador e director.

Começámos pela capitã Palmira, uma das grandes esperanças do voleibol feminino actual: «Não fiquei especialmente contente por ganhar o nacional, pois o nível geral era relativamente fraco. No entanto, sempre é um título nacional e por isso importante para mim. Este ano o SCE ajudou-nos muito mais e tivemos sempre o pavilhão para treinarmos, o que não aconteceu o ano passado. E isso aliado à nossa força de vontade, deu os seus frutos».

Quanto ao nível do nosso voleibol feminino, é bastante fraco pois até o Leixões, campeão em seniores, não tem uma equipa por aí além e em jogos internacionais, então, a diferença é confrangedora».

Vera é a única que para o ano já é sénior: «Fiquei bastante contente até por ser a primeira vez. Acho que foi o resultado do bom trabalho feito ao longo da época». Também Lúcia deu a sua opinião: «Estou contente porque é o segundo ano que jogo e todas nós lutámos bastante com grande espírito de camaradagem». E ainda Iracema, que concordou com as colegas: «Também é o meu segundo ano e este título vem premiar todo o nosso esforço, mostrando bem a nossa evolução em relação ao ano passado».

Depois destas atletas, ouvimos o técnico Jorge Teixeira que nos confiou: «A vitória representa o trabalho de uma época e justifica as esperanças que se depositaram nesta equipa. De salientar também o espírito de humildade que sempre imperou». E referindo-se ao nível do voleibol já comentado por Palmira acres-

Para terminar, não poderíamos deixar de ouvir o que tem sido, desde há uns anos, pedra base da secção, o seu director António Correia (Toninho): «A vitória no nacional abre-nos o caminho para um trabalho ainda mais positivo, e mostra já resultados a quem não acreditava no valor da equipa e do seu técnico».



AS CAMPEãs NACIONAIS DE JUNIORES

centou: «O nível é realmente bastante fraco. No entanto, ao trabalhar este ano pela primeira vez com juniores femininos, fiquei satisfeito e penso que se está no bom caminho para uma evolução. Aqui, no SCE, o título traz uma motivação para o trabalho de base a nível de juvenis e iniciados e que espero que vá para a frente».

O voleibol feminino é de facto bastante fraco mas já há atletas com bastante futuro, aqui como no Benfica, Braga e Odivelas. Depois desta vitória é a altura ideal para se iniciar já um trabalho profundo no sector feminino, o que aliás é uma ideia que já estava nos nossos projectos».

António Correia foi o director que acompanhou mais de perto a carreira desta equipa: «A transformação que houve na secção permitiu-me acompanhar mais vezes esta equipa. Sobre isso, é justo salientar o trabalho da Fátima, que não podendo jogar por não haver equipa de seniores, foi uma seccionista à altura e o apoio da D. Leontina e marido, bem como de Jorge Teixeira, que tiveram os seus carros ao dispor o que foi bastante importante dada a crescente dificuldade nas deslocações».

E terminou referindo-se à secção de voleibol em geral: «Apesar de projecção do SCE, apenas uma minoria acompanha o trabalho desta secção. As pessoas estão habituadas a aparecer só quando há bons resultados, mas quando são piores, aparece só a meia dúzia do costume, numa altura em que seria precisa mais gente. Mas a secção está a trabalhar muito a sério, com objectivos bem determinados, e há aqui gente muito válida para que num futuro próximo os resultados apareçam e mais espinhenses se lembrem do voleibol».

poucos anos. Mas é Vitor Hugo o melhor «ex-libris» deste trabalho. Um caso invulgar de intuição, de bem patinar, de velocidade, de imaginação e de colectivismo. Mas apesar do seu sentido colectivo, o golo é inevitavelmente o corolário de todos estes atributos.

Domingo, no pavilhão da AAE esteve muita gente para ver Vitor Hugo concluir uma proeza inédita no país em hoquistas com a sua idade: marcar 500 golos ao fim de apenas cinco épocas e 117 jogos oficiais. O que representa uma média de 4,3 por encontro. O jogo era com o Rio Tinto, faltavam-lhe quatro e acreditava-se que a quinta centena fosse atingida. Assim veio a acontecer: Depois dos infantis vencerem o Pacense por 14-0, vieram os iniciados: O resultado foi 14-1, Vitor Hugo marcou seis, e o n.º 500, nono da equipa, foi naturalmente o mais festejado. Um golo que o jovem hoquista procurou fazer o mais bonito possível proporcionando lances de grande efeito.

No fim houve uma pequena festa de homenagem a este jovem que, querendo ser médico (e para isso caminha), é já um hoquista de eleição, e que fez questão de associar os seus colegas de equipa à sua proeza.



SACOS DE PAPEL E
PAPEIS DE EMBALAGEM
DE TODAS AS QUALIDADES
FIOS DE SISAL E NYLON

Rogério Pinto Moreira, L.º

Telef. 967079

S. Paio de Oleiros

FABRICAS



ESPINHO, 0 - SPORTING, 2

Contas fechadas

Não se encheu o campo da Avenida. Nem de público, nem de futebol. Sinal de que a I Divisão, mesmo nos jogos com os «grandes», não é garantia de nenhuma das duas coisas.

O Espinho já com poucas esperanças de se aguentar no barco, não conseguiu pôr no terreno a força anímica e física de outros jogos e o Sporting tranquilo, fez também um jogo, onde só uns apontamentos de Keita e Manuel Fernandes sobressaíram.

Os espinhenses terão merecido perder o jogo? É difícil dizê-lo. Foi a equipa que atacou

lhe acreditar. Ainda por cima não teve em Manuel José o patrão do costume e só Mória se mostrou com força para perturbar Laranjeira e os seus pares.

Demasiados «handicaps» perante uma equipa que não teve meio-campo, mas que teve a defesa e ataque bastantes.

Porém Luís esteve à altura do jogo, isto é, muito mal. Sem critério, sem personalidade e mal auxiliado. O Sporting poder-se-á queixar de alguns fora-de-jogo mal assinalados aos seus avançados e da passividade de Porém face ao uso condenável da violência por parte de alguns

Por que o Espinho já desceu

Portimonense — 23 pontos
Espinho — 21 pontos
Marítimo — 21 pontos
Riopele — 21 pontos
Feirense — 12 pontos

A tabela classificativa parece confusa e a maior parte da imprensa reserva para domingo a escolha das três equipas que acompanharão o Feirense. Mas na verdade, só o Portimonense ou o Marítimo podem escapar à despromoção.

Vejamos. O Portimonense vai ao Sporting (se pontuar não desce), o Espinho ao Belenenses, o Marítimo recebe o Varzim e o Riopele o Benfica. Só no caso do Portimonense perder e alguma das outras ganhar se terá de recorrer a desempate, pelos jogos disputados entre as equipas empatadas em pontos. Recordemos:

Espinho — Portimonense (2-1, 0-2), Espinho — Riopele (2-1, 3-3), Espinho — Marítimo (3-2 0-1), Portimonense — Riopele (2-1, 0-0), Portimonense — Marítimo (0-0, 0-1) e Marítimo — Riopele (1-0, 0-0).

Se o Espinho ganhar e empatar em pontos só com o Portimonense, perde para este (2-1, 0-2).

Se se juntar o Riopele, a classificação dos jogos entre os três dá: 1.º — Portimonense, 5 pontos (5 marcados, 3 sofridos); 2.º — Espinho, 5 (7-7); 3.º — Riopele, 2 (5-7).

Se for o Marítimo vem: 1.º — Marítimo, 5 (4-3); 2.º — Espinho, 4 (5-6); 3.º — Portimonense, 3 (3-3).

Se ficarem os quatro empatados, dá: 1.º — Marítimo, 8 (5-3); 2.º — Espinho, 7 (10-10); 3.º — Portimonense, 6 (5-4); 4.º — Riopele, 3 (4-7).

O Espinho não fica em primeiro lugar em qualquer dos casos, assim como o Riopele, que perde para qualquer das outras três equipas.

Claro que o Espinho não deve ir ganhar ao Restelo, mas se ilusões houver ainda, aqui ficam desfeitas.

mais, que teve mais oportunidades (o Sporting também as teve), mas nunca deu a sensação de poder resolver o jogo a seu favor. Foi uma equipa claramente afectada psicologicamente e que acusou demasiado o golo de Vitor Gomes, de cabeça, na sequência de um canto e em que a sua defesa parecia adormecida. O segundo de Manoel, a aproveitar um falhanço de Gonçalves, fez o resto. Mas não se pense que a equipa deixou de lutar. Lutou sempre, mas faltou-

espinhenses. Mas o mais prejudicado foi o Espinho que, entre outros erros, viu ser deixada passar em claro uma carga de Manaca a Reis, dentro da área, quando já havia 2-0.

Resultado: o Espinho já está na segunda, embora a imprensa desportiva que lemos não se tenha dado ao cuidado de verificar. O que, não sendo caso para festas, também não é nenhuma tragédia. Na I ou na II, futebol vai haver, para o ano, outra vez.

MUNDIAL: NEM O FUTEBOL

Sempre atenta aos grandes acontecimentos da História, a RTP não quis deixar escapar as cerimónias de abertura do Mundial de futebol, onde um inflamado locutor argentino berrava e apregoava as virtudes da «disciplina» do povo da Argentina ali presentes. Atenta e veneradora, a RTP trouxe, a quem quis ouvir, o discurso de João Havelange que se desfez em elogios ao governo argentino, e (supremo dos momentos) o discurso de Videla, que levou a sua desfaçatez ao ponto de proclamar que ali se vivia um clima de paz e justiça, muito ao jeito do que Hitler fez nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim.

Tudo isto acompanhado por um «locutor» a preceito, Rui Romano, que fez ques-

tão de não dar a menor deixa para que se pensasse nos crimes da ditadura argentina.

Foi o suficiente para ficarmos indispuestos e só o futebol, por ele mesmo, poderia fazer evitar o vômito que a RTP e Videla causaram. Mas os resultados da terapêutica-futebol não foram brilhantes.

O R. F. A.-Polónia foi uma estopada, com as duas equipas a jogarem para o empate. No França-Itália, a coisa melhorou um pouco e, sobretudo, os italianos agradaram, mas falta-lhes o estofo, como diria Pedroto. No Suécia-Brasil, ficou-se a saber o que já se sabia dos suecos: que têm um futebol simples, sem rodriguiños, mas é a sua única virtude. Os brasileiros, ao contrário, bons executantes, apresentaram-nos um futebol misturado. Uma vez,

o futebol adornado, lento, bonito, o corpo a bambolear, um «dribling», dois, e finalmente o passe, o que já não se usa. Outras vezes, o futebol rápido, o passe ao primeiro toque, o lançamento longo, mas a que falta mecanização. Problemas que o «escrete» ultrapassaria se tivesse um génio lá à frente. E não tem.

Dos outros favoritos, a Escócia perdeu, a Holanda ganhou, mas não tem Cruiff. Somos levados a pensar que vai ser o factor ambiente a resolver a questão, porque não há a tal super-equipa que o contrarie. E é pena. Não porque ao futebol argentino fiquem mal um título mundial, mas porque virá numa altura em que será a ditadura a tirar os maiores lucros.



5 DE
JUNHO
DIA
MUNDIAL
DO
AMBIENTE

A alimentação da criança em debate

Flávio Laranjeira, médico pediatra, orientou um pequeno debate organizado pela Nascente e pelo MDM (Movimento Democrático das Mulheres) para o salão da Piscina, no passado sábado.

Da importância da alimentação no desenvolvimento equilibrado das crianças até às consequências que isso deve ter na planificação da saúde neste país. Das condições de vida de largo número de mães no bairro dos pescadores e de outras zonas pobres da nossa cidade e da necessidade do empenhamento dos órgãos de poder local nestas questões, se falou.

As Comemorações

continuação da página 1

nomeadamente professores, a quem se convidou em especial, a demonstrar mais uma vez que neste como noutros temas há que intensificar as iniciativas por forma a que todos nos vamos crescentemente consciencializando para a importância destas questões.

No sábado à tarde houve uma pequena festa na piscina em que gente da Nascente passou filmes para os miúdos e os divertiu e informou demonstrando-lhes como se brinca e trabalha com fantoches.

Durante todas estas sessões esteve em funcionamento uma banca organizada pelo Centro Livreiro da Nascente, devidamente fornecida de livros infantis.

Entretanto, chegaram até nós informações de que também em Guetim o Dia Mundial da Criança foi assinalado, nomeadamente através de uma tarde dedicada às crianças, no sábado, e em que a Junta de Freguesia e a

Secção Cultural lhes proporcionaram a participação entusiasmada em provas de atletismo e a composição de redacções alusivas que por certo terão sido bem mais do seu agrado do que as que habitualmente terão que fazer nas aulas, até pelo ambiente em que tudo decorreu.

E podemos adiantar que no próximo domingo, à tarde, será a vez da miudagem de Paramos sentir que também tem o seu dia. O Clube local organiza e a festa vai ser grande: jogos, pintura, fantoches, canções, serão a certeza de uma tarde bem passada e mais um sinal de que há quem não desespere de ver chegar o dia em que isto de fazer coisas com e para crianças há-de deixar de ser um acto mais ou menos voluntarioso de amadores bem intencionados mas, naturalmente muito limitados, para passar a ser uma preocupação dos poderes instituídos e de todos os cidadãos.

Uma redacção Uma data

Hoje é o dia da criança!

Nós não podemos fazer os trabalhos dos adultos, porque são muito pesados.

Nós não podemos andar aí abandonados.

Nós temos de ser bem alimentados.

As crianças têm de ter amizade aos pais e os pais às crianças.

Se os pais não tiverem amizade às crianças e se lhes baterem com cordas como muitos pais fazem, outros pais vêm com a bebedeira e os filhos e filhas saem da cama quentinhos.

Os pais têm de ter mais cuidado com as crianças.

Maria da Conceição
Moreira Soares de
Jesus — 9 anos

Cília à transparência

tempo que como profissão.

Entre um disco e um quilo de carne não é difícil a escolha. A cultura popular é afogada por uma avalanche de produtos de qualidade suspeita, promovidos por portentosa máquina publicitária. A estas tendências responderemos com quê?

A cultura é um produto de luxo, devido às estruturas em que vivemos. Na Bulgária um disco de longa duração como é o «Transparências» custa 40 escudos. Faz-se sentir toda uma organização estatal, que não só relacionada com os aspectos culturais, posta ao serviço dum larga parte da população e não apenas de uma elite com dinheiro. O estado subvenciona os artistas, de tal forma que não se preocupam com a velhice ou com a assistência médica e medicamentosa. Cá, uma hora de estúdio custa um conto, a mensagem por disco ronda os 40

escudos, o que o torna inacessível ao grande público (e não temos previdência).

O problema está em que toda a cultura é política. Se em determinada altura a minha música passava mais na rádio que agora, é porque também aí se nota uma mudança nas estruturas da política portuguesa, o que se

deve aos interesses em causa.

Há que desenvolver todo um trabalho a longo prazo, estruturas paralelas capazes de fazer chegar às pessoas aquilo que ainda não conheçam. Isto, claro, não esquecendo que organização cultural de esquerda não pode ser sinal de má organização.

2.º FESTIVAL DA CANÇÃO POPULAR DE ESPINHO

Inserido na campanha de divulgação e apoio ao XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, que se realizará em Cuba de 28 de Julho a 5 de Agosto, a Comissão Concelhia

de Espinho da União da Juventude Comunista (U.J.C.), leva a efeito nesta cidade, em 15 de Julho próximo, o 2.º Festival da Canção Popular.

Do regulamento destacamos: cada concorrente poderá participar apenas com uma canção, original e inédita, de conteúdo progressista; as letras das canções concorrentes devem ser enviadas até ao dia 1 de Julho para o Centro de Trabalho do P. C. P. em Espinho, ao cuidado da Comissão Organizadora do Festival, e devem ser assinadas e conter a morada dos seus autores; o Festival é aberto a todos os concorrentes amadores, aos quais serão distribuídos dois tipos de prémios: prémio de participação e prémio especial para os 1.º e 2.º classificados.

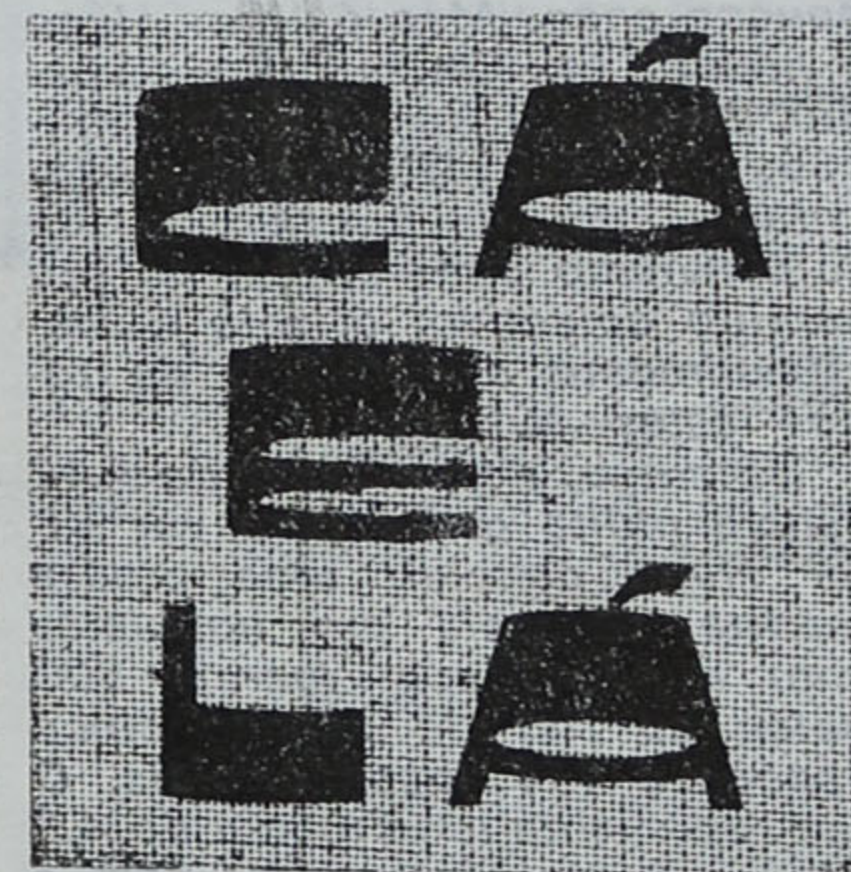
O certame realizar-se-á no Salão da Piscina.

ASSINAR É COLABORAR

«Maré Viva» é um jornal em expansão. Faz parte dum cooperativa que não pára de crescer. Vamos fazer um esforço para arranjar mais assinantes.

Colabore connosco. Fortaleça a independência e a qualidade de «Maré Viva». Divulgue o nosso jornal. Indique um novo assinante.

Assinatura anual para o País: (52 números) 240,00 — pagável em 2 prestações.



Desde que Portugal foi admitido na ONU até 1974 nunca foi além de Ministro do Governo do Estado Novo a categoria mais alta de quem nas suas Assembleias Gerais falasse em nome do mais velho império do Mundo, do país campeão da multi-continentalidade e da multi-racialidade, esse oásis de paz, tranquilidade e ordem. Nos últimos quatro anos, o novo Portugal que tantos nacionais acusam de traído, de diminuído, de desordenado, foi ali ouvido pela voz de dois Presidentes da República, primeiro Costa Gomes e agora Ramalho Eanes. Ao mesmo tempo que Eanes estava em New York a Assembleia da República, por maioria, dava ao

actual Governo capacidade para legislar em matéria penal, com especial incidência no que respeita aos constantes atentados de que a democracia vem sendo alvo por parte dos saudosos do passado recente. O PSD reunia-se ao mais alto nível e 42 dos seus deputados tornavam público um documento de alta importância para o futuro do seu partido, enquanto que o futebol português continuava «em fogo» mas sem prisioneiros políticos, já que Edmundo Pedro era colocado em liberdade provisória até ao seu julgamento.

Países do chamado ocidente europeu decidiam formar uma força de intervenção destinada, na sua optica a fazer estabilizar a África quando ela se desestabilizasse e tropas marroquinas eram transportadas por aviões norte-americanos para o Zaire para colaborar activamente na pacificação sonhada por Mobutu. Nas Nações Unidas as grandes potências mantinham-se nas suas tamancas de não se desfazerem, por motivos de «legitima» defesa, dos seus arsenais de armas sofisticadas e altamente letais enquanto o Canadá se vangloriava de ter desistido do armamento atómico. E na Argentina, onde continua a haver prisioneiros políticos em doses industriais, começava a «arder» o Mundial de Futebol, que desperta o entusiasmo das gentes e faz esquecer as dificuldades crescentes do dia-a-dia que a crise económica mundial provoca sem que se lhe vislumbre remédio próximo apesar de urgente.

Carlos P. Morais

